

A atuação da Central Única das Favelas na pandemia de COVID-19 e o aprendizado da ação em situações de emergência

Mariana de Souza Fonseca

Doutoranda em Ciência Política pela Universidade de Brasília. Bolsista Capes INCT/IDDC DTI.

Como citar este relatório: Fonseca, Mariana de Souza. “A atuação da Central Única das Favelas na pandemia de COVID-19 e o aprendizado da ação em situações de emergência”, Relatório de Pesquisa #10 do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, Brasília, 23 de novembro de 2022, disponível em: <http://repositoriomobilizacovid.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

Introdução

As iniciativas registradas no Repositório Mobiliza Covid são uma amostra da diversidade das ações realizadas pela sociedade civil durante a pandemia. Para além da diversidade, interessa também apontar o alcance delas. Algumas tinham abrangência local, outras estadual e outras, ainda, nacional. Um dos casos mais relevantes para se analisar o alcance dessas iniciativas é o da Central Única das Favelas, a CUFA, por ela ser uma organização que já tinha representações em todos os estados brasileiros antes da pandemia e, com isso, conseguiu que suas ações abrangessem favelas por todo o Brasil.

A CUFA aparece no Repositório a partir do projeto guarda-chuva CUFA Contra o Vírus, que possui várias frentes de ação: além da distribuição de cestas e materiais de higiene e limpeza diretamente para as famílias das favelas, a CUFA levou a cabo o Mães da Favela, projeto que distribuiu vales de R\$100,00 diretamente para as mães das favelas com o objetivo de que elas utilizassem o recurso da forma que melhor lhes conviesse, e o Favela On, ação que distribuiu chips de celular com acesso à internet e *Whatsapp* ilimitado com o objetivo de auxiliar as famílias com crianças em idade escolar que estavam tendo aulas no formato remoto.

Além de apontar essas diferentes ações, este relatório de pesquisa tem como objetivo analisar o alcance das ações da CUFA, a partir da importância da capilaridade e da organização logística para implementar os projetos. Além disso, mostra o quanto experiências anteriores foram centrais para o sucesso da atuação da CUFA durante a pandemia e como os aprendizados desse cenário já têm sido aproveitados em outros cenários de emergência. Também serão discutidas a parceria da CUFA com empresas, Estado e outras organizações da sociedade civil e suas formas de interação.

A elaboração deste relatório teve como base os dados do Repositório Mobiliza Covid, as informações sobre a organização contidas na sua página da internet e uma série de entrevistas semiestruturadas realizadas com lideranças da CUFA de 15 estados brasileiros para compreender as formas de ação da organização e eventuais desafios enfrentados em particular por cada representação estadual. As entrevistas foram realizadas no período entre julho e outubro de 2021, em formato *online*, apenas uma delas com a representação da CUFA no Distrito Federal foi realizada presencialmente. Todas as entrevistas foram realizadas de forma anônima, conforme Termo de Consentimento assinado pelos entrevistados.

Sobre a Central Única das Favelas



A CUFA é uma organização criada em 1999, na Cidade de Deus - Rio de Janeiro. Ela foi fundada por jovens ligados aos movimentos de *rap*, com o objetivo de promover a cultura das favelas, divulgando artistas locais, e realizar atividades culturais e esportivas para a juventude nos territórios periféricos, por meio de aulas, shows, concursos, competições e festivais. Essas ações levam em conta aquilo que é do interesse dos jovens das periferias e o que eles compreendem como cultura.

Nesse sentido, a CUFA implementa alguns projetos, com apoio financeiro de parceiros da iniciativa privada, como o Top CUFA - desfile de moda - e o Taça das Favelas - torneio de futebol. Essas ações foram idealizadas pela CUFA Nacional e são realizadas anualmente pelas CUFAs estaduais com as favelas dos seus respectivos estados. Outras ações podem ser iniciadas nas CUFAs estaduais e servem como modelo a ser seguido por outras, como é o caso do CUFA Empreenda, que surgiu na CUFA-DF com o objetivo de desenvolver o empreendedorismo dos jovens das favelas. Durante a pandemia, além dos já citados Mães da Favela e Favela On voltados para a distribuição de recursos, com a impossibilidade de realizar a Taça das Favelas, por ser um evento presencial e com muita aglomeração, a CUFA desenvolveu o Taça das Favelas Free Fire, que é um campeonato de videogame.

A expansão da CUFA para outros estados se deu paulatinamente. A maioria das organizações estaduais foi criada a partir dos anos 2010, evidenciando um longo período desde a constituição da organização no Rio de Janeiro até o seu estabelecimento em outros locais. Tal expansão se deu prioritariamente a partir da parceria com organizações locais. Na maioria dos casos, a CUFA surge em outro estado como uma ação desenvolvida por outra organização ou grupo já previamente existente. O próprio fundador da organização, Celso Athayde, convida pessoas que já integravam outras organizações locais e já tinham alguma relevância na cena cultural e esportiva para se tornarem representantes da CUFA naquele Estado (Entrevistas 1, 2, 5, 11 e 16). Em outros casos, a CUFA estadual foi criada por pessoas que se mudaram para outras cidades ou voltaram para suas cidades-natal e tiveram contato com a CUFA no Rio de Janeiro ou em São Paulo (Entrevista 10).

Assim, a CUFA foi se estabelecendo em outros Estados prioritariamente por meio de parcerias com outras organizações, coordenada por pessoas já conhecidas na cena cultural e esportiva de cada local. Em alguns casos, os entrevistados relatam que passaram a se dedicar apenas para a CUFA, em outros, mantiveram as ações de ambas as organizações. Vale ressaltar que, ao assumir o posto como coordenador/a da CUFA estadual, eles já sabiam que seria de sua responsabilidade buscar os recursos financeiros, logística e parcerias locais para realização dos projetos, uma vez que não há repasse de dinheiro pela CUFA Nacional (Entrevistas 3, 5, 7 e 10)



– situação esta que, como veremos a frente, se alterou consideravelmente durante a pandemia. Além disso, os entrevistados relatam que a entrada na CUFA é feita sem nenhum tipo de curso de formação, nem mesmo para os coordenadores. Segundo eles, o trabalho da CUFA é algo que "se aprende no dia-a-dia" (Entrevistas, 5, 11, 13 e 15).

O crescimento da CUFA nos anos 2010 parece ser algo natural após a sua consolidação no Rio de Janeiro. Contudo, os entrevistados não souberam identificar se houve algum evento específico que viabilizasse essa expansão ou decisão interna da direção da organização (Entrevistas 13 e 15). A institucionalização das representações estaduais tem sido um processo lento, uma vez que o trabalho é realizado por voluntários e depende da capacidade deles de captar recursos, seja público seja privado, para o funcionamento da organização. Em vários momentos elas ficaram sem conseguir realizar seus projetos por falta de recursos materiais ou humanos. Ainda assim, seja por meio daquelas representações que já assentaram nos territórios, inclusive com CNPJ registrado, seja por aquelas que ainda atuam sob forma de parceria e baseada nas ações dos coordenadores(as), a CUFA conseguiu se expandir por todos os estados, manter sua presença neles e, durante a pandemia, realizar ações que alcançaram favelas por todo o Brasil.

As ações corriqueiras desenvolvidas pela CUFA foram diretamente impactadas pela chegada da pandemia. As entrevistas relatam, recorrentemente, algo como: um projeto que estava se iniciando em 2019 e foi impactado pela pandemia em 2020, quando as atividades culturais pararam e a CUFA passou a atuar na assistência, arrecadação e distribuição de alimentos. Em todas as entrevistas, os/as entrevistados/as relataram que realizam trabalho voluntário para a CUFA, ou seja, contam com outro meio de subsistência. Esse cenário mudou bastante ao longo da pandemia. Sendo a CUFA uma das maiores organizações de favela, mais bem estruturadas e consolidadas no cenário nacional, ela contou com legitimidade e credibilidade frente às grandes empresas doadoras de recursos financeiros, alimentos e materiais de higiene e limpeza (Entrevista 9, 12 e 15).

A CUFA e a pandemia

Durante a pandemia, a CUFA utilizou sua ampla capilaridade nacional para viabilizar a arrecadação e distribuição de doações de recursos financeiros, alimentos e itens de limpeza e higiene para pessoas em situação de vulnerabilidade nas favelas de todo o Brasil. As ações mobilizaram milhares de voluntários/as da CUFA para a distribuição e gerenciamento das doações. Os dados obtidos por meio das entrevistas mostram que, para que isso ocorresse,



foram fundamentais a estrutura e logística da organização, o seu potencial, mas especialmente a confiabilidade e legitimidade da CUFA frente a grandes doadores. O fato de grandes empresas reconhecerem na CUFA uma parceria confiável viabilizou o desenvolvimento de projetos e grandes doações para a CUFA, durante a pandemia (Entrevistas 1, 2, 3, 5, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15 e 16).

As representações estaduais da CUFA que anteriormente não tinham muita atividade nem recursos passaram a receber as doações fruto das parcerias da CUFA Nacional, o que fez aumentar a capacidade de mobilização da organização. Além disso, comerciantes locais e doadores individuais se tornaram mais solidários, encontrando nas representações estaduais uma forma de fazer suas doações (Entrevistas 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 12). As lideranças da CUFA foram projetadas nacional e internacionalmente, participaram de várias lives, deram muitas entrevistas, escreveram artigos, participaram em podcasts e documentários relatando a opinião da instituição organização sobre a pandemia vivenciada nas favelas: os principais desafios e as perspectivas futuras.

As maiores parcerias estabelecidas pela CUFA foram feitas em âmbito nacional, algumas delas, como as realizadas com a Vale do Rio Doce, o Boticário, grupo Carrefour, Unilever e JBS, permitiram que as doações da CUFA alcançassem mais lugares, porque era um volume muito grande de produtos doados de uma só vez. Além das favelas na capital dos estados, foi possível alcançar, em alguns casos, comunidades mais empobrecidas no interior. Embora as parcerias tenham sido feitas por meio da CUFA Nacional, a responsabilidade pela logística para fazer chegar as doações nas favelas foi das respectivas CUFAs estaduais.

Para fazer chegar as doações no interior dos estados foi de fundamental importância o aumento no número de voluntários atuando na CUFA. A pandemia foi um momento em que não só muitas pessoas sentiram a necessidade de fazer doações, mas também várias outras se dispuseram a ajudar na distribuição das doações, por vezes como forma de colaborar com a sua própria comunidade. Para os entrevistados, também o fato de a CUFA ser uma organização já conhecida fez com que as pessoas os procurassem para desenvolver essas atividades. Isso fez com que a CUFA crescesse em número de pessoas envolvidas como voluntárias e no seu alcance territorial, ampliando o número de favelas atendidas nas capitais e no interior. Com o aumento dos recursos financeiros e humanos foi possível atender até mesmo comunidades ribeirinhas, indígenas ou quilombolas (Entrevistas 7 e 10).

As CUFAs estaduais também tiveram autonomia para buscar apoio de empresários locais. Assim, a rede de mercado local, farmácias e outros comércios também fizeram doações consideráveis e os próprios empreendedores nas favelas deram as suas contribuições. Contudo,



conforme os entrevistados, foi de fundamental importância as doações advindas das pessoas físicas. Apesar de essas doações, individualmente, terem um peso muito menor do que aquelas realizadas pelas empresas, elas foram constantes ao longo da pandemia. Foram essas doações que garantiram um mínimo estável ao longo de todo o período para que a CUFA pudesse realizar suas ações (Entrevista 15)..

As parcerias com outras organizações da sociedade civil (OSC) apareceram em poucas entrevistas, o que parece indicar um certo distanciamento da CUFA de outras organizações, mesmo em um momento como o da pandemia em que várias outras estiveram envolvidas com as ações de assistência. Nos casos em que foram relatadas parceiras com outras OSCs, estas apareceram muito no sentido de “terceirizar a doação” (Entrevistas 10 e 16). Por exemplo, existe uma outra organização ou movimento conhecido em determinado território que a CUFA não tem alguma liderança local. Nesse caso, a CUFA direciona as doações para que tal organização ou movimento as distribuisse, a depender do tipo de acordo feito com a instituição doadora inicialmente.

Sob uma perspectiva histórica, não foram feitos relatos que inserissem a CUFA em uma ação em rede com outras organizações de favela, além dela mesma e suas representações estaduais. Em uma única entrevista, as organizações da sociedade civil foram trazidas menos nessa perspectiva de terceirização e mais como a construção de uma luta conjunta no local, mas principalmente porque integrantes da CUFA estadual faziam parte dessas outras organizações locais.

As ações realizadas no contexto da pandemia foram, conforme os entrevistados, uma adaptação das tecnologias já desenvolvidas pela CUFA e construídas com base nos resultados obtidos na pesquisa feita em parceria com o Instituto Locomotiva e o DATA FAVELA para compreender a situação das famílias das favelas brasileiros (Entrevistas 1, 10, 11, 13 e 15). A organização partiu do seu conhecimento do território e seus moradores e do envolvimento prévio de algumas pessoas para fazer a mobilização local de pessoas envolvidas na distribuição de doações e o cadastro de famílias que as receberiam (Entrevistas 1, 2, 3, 5 e 9).

O CUFA Contra Vírus foi o projeto guarda-chuva que englobou uma série de ações com vistas à arrecadação de dinheiro e doações. Nele, estão inseridas as parcerias com as empresas e as vaquinhas online criadas tanto pela CUFA Nacional como pelas CUFAs estaduais. Os dois maiores projetos que foram criados de maneira direcionada para atenderem público ou demanda específica foram o Projeto Mães da Favela e o projeto Favela On.



Projeto Mães da Favela

O Projeto Mães da Favela foi criado pela CUFA e apoiado pela Unesco. O Mães da Favela tem como objetivo dar apoio a famílias lideradas por mulheres e que tiveram sua fonte de renda comprometida. Para justificar a sua criação, a CUFA destacou que as trabalhadoras das favelas foram as mais impactadas pela pandemia, porque o seu trabalho não poderia ser realizado de forma remota. Em sua maioria, elas trabalham como empregadas domésticas, seguranças, babás, cuidadoras, o que poderia ocasionar ou aumentar o risco de exposição ou a demissão da funcionária com vistas a manter as medidas de prevenção.

A perda da principal fonte de renda familiar colocou várias famílias em situação de insegurança alimentar. Segundo dados de pesquisa realizada pela CUFA com o DATAFavela, 86% das pessoas nas favelas têm dificuldade para adquirir itens básicos, 72% não tinham recursos para sobreviver à pandemia sem nenhuma renda nem por uma semana, 49% dos lares das favelas são gerenciados por mulheres e 47% dessas mulheres trabalham de forma autônoma (CUFA; DATAFAVELA; LOCOMOTIVA, 2020)

Conforme a página na internet da CUFA¹, a organização arrecadou mais de quatrocentos milhões de reais em doações para atender às mães das favelas. As doações vieram tanto de pessoas físicas como de empresas (nacionais e locais) e foram distribuídas entre cestas básicas físicas – no valor médio de R\$100,00 por cesta – e cestas digitais – entrega dos R\$100,00 diretamente, em cartão de benefício, para as mães usarem como preferirem. Nesse projeto, foram atendidas mais de cinco mil favelas; 4 milhões de famílias; 15 milhões de pessoas e distribuídas mais de 15 toneladas de alimentos.

Além do uso das mídias digitais para divulgar a distribuição das cestas e também os depoimentos das mães que foram beneficiadas por elas, a CUFA disponibiliza em sua página na internet as informações da empresa que realizará auditoria externa do Projeto, cujo relatório será divulgado no mesmo *site*.

Favela On

O Projeto Favela On² foi criado pela CUFA e desenvolvido em parceria com a TIM Brasil e o Alô Social, a partir de setembro de 2020. O projeto foi criado após a percepção da

¹ Disponível em: <https://www.maesdafavela.com.br>

² Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/M%C3%A3es_da_Favela_On_\(projeto\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/M%C3%A3es_da_Favela_On_(projeto))



organização de que várias crianças das favelas estavam tendo seus estudos prejudicados, pois não tinham acesso à internet. Além disso, as mães, trabalhadoras autônomas, poderiam utilizar o recurso para vender produtos por meio das mídias digitais.

A iniciativa distribuiu 500 mil chips para as mães já cadastradas na organização pelo projeto Mães da Favela. O intuito foi alcançar, indiretamente, 4,5 milhões de pessoas. Os chips deram acesso, duram 6 meses, a *Whatsapp* ilimitado, ligações ilimitadas, 1GB de internet livre e acesso livre a conteúdos de educação e cultura, a partir de uma curadoria feita pela Unesco, facilitando o acesso das crianças e jovens em ensino remoto. Além dos chips distribuídos, a parceria também instalou 150 pontos de Wi-Fi gratuito em várias favelas do Brasil.

Uso das mídias digitais

A apropriação das novas tecnologias e uso das mídias sociais também foram destacados pelos entrevistados como processos importantes para o fortalecimento da organização. Algumas entrevistas relataram como se deu isso sob uma perspectiva histórica; como, em meados de 2010, a maioria das lideranças não sabia muito como utilizar as tecnologias em prol da comunicação e essa aproximação com as tecnologias se deu paulatinamente. Inicialmente, faziam vídeos e fotos com câmeras VGA para inserir no blog da CUFA e, hoje em dia, até mesmo como resultado dos vários cursos promovidos por ela em fotografia e audiovisual, a organização tem uma produção mais rebuscada e com equipamentos mais sofisticados. Além disso, utilizam o *site*, *blog*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* oficiais da CUFA para divulgar suas ações, projetos, entrevistas, lives (Entrevistas 02, 05, 10 e 16).

Uma rápida olhada nas contas da CUFA Nacional e das estaduais mostra como a maior parte da comunicação é concentrada na conta oficial da CUFA Nacional, a qual tem maior alcance e visibilidade. Ela conta com 137 mil seguidores no Instagram, a segunda colocada (CUFA-GO) tem 14 mil; 66 mil no Facebook, a CUFA-PR com 8 mil em seguida; e 23 mil no Twitter, a segunda conta mais seguida é a da CUFA-MT com 1600. Além disso, a autonomia das CUFAs estaduais para definir projetos, logística e gestão é refletida na falta de padrão de identidade visual entre as contas das representações. Na pandemia, as mídias sociais foram muito utilizadas para divulgarem as ações, numa perspectiva de prestação de contas das doações arrecadadas, e mobilização para arrecadação.



Na pandemia, as mídias digitais foram muito utilizadas para divulgar as ações, numa perspectiva de prestação de contas das doações arrecadadas, e mobilização para arrecadação. Essas plataformas também foram utilizadas para realizar várias lives e entrevistas que contaram com a presença das lideranças da CUFA, por meio das quais a organização falou sobre o seu trabalho, sobre a sua visão da vivência das favelas no momento da pandemia e as suas perspectivas para o futuro.

Esse período também significou ampliar o uso das tecnologias digitais para facilitar a organização da CUFA. Os entrevistados apontam, por exemplo, a importância do uso do WhatsApp para gerenciar as equipes de voluntários nos territórios e também para trocar informações com as lideranças de outros estados (Entrevista 1). Inclusive, a dinâmica nos grupos de WhatsApp foi citada como um momento importante na “formação contínua” propiciada pelo trabalho na CUFA. Segundo os entrevistados, apesar de cada favela ter as suas especificidades, se aprende muito com os desafios de outros lugares, portanto, os momentos de trocas nos grupos propiciaram esse aprendizado e troca de experiências.

Enquadramentos interpretativos sobre a pandemia

A análise de conteúdo das entrevistas permitiu identificar os enquadramentos dos atores com relação a três temas: pandemia, Estado e suas próprias ações. Com relação à pandemia, foi possível observar que, para eles, a pandemia não trouxe as mazelas que são enfrentadas pelas pessoas na favela, ela apenas foi o motivo que as escancarou para todo o mundo. O aumento da fome e do desemprego, a falta de saneamento, de acesso à saúde e educação – que também foi muito prejudicada nesse contexto em que os alunos em condição mais vulnerabilizada não conseguiram ter acesso às aulas – já eram uma realidade nas favelas. Foi a incapacidade de os governos (federal, estadual e municipal) darem respostas adequadas que garantissem a segurança dos moradores das favelas, em especial, em um cenário tão preocupante e desolador como a pandemia, no qual lutamos contra um inimigo invisível, que deu visibilidade a essas desigualdades estruturais já enfrentadas nos territórios e que estimulou reações, como a da própria CUFA, para atuar de forma assistencialista junto às comunidades.

Nesse sentido, os entrevistados também explicitaram suas impressões sobre o futuro das favelas diante das consequências da pandemia. Em geral, demonstram preocupação com o futuro, com as sequelas que serão deixadas e que levarão muito tempo para serem superadas. Esses impactos serão observados tanto do ponto de vista econômico, a dificuldade de empreender e/ou conseguir emprego digno; como na previdência social, diante da quantidade



de mortes, e na questão psicológica e educacional. Apesar disso, em várias falas os entrevistados reforçaram essa ideia de os moradores das favelas serem pessoas trabalhadoras e que “conseguirão se reerguer”. Nesse ponto, algumas falas evidenciaram o papel do poder público em dar oportunidades e condições para que isso possa acontecer.

Eu acredito que com o passar da pandemia isso vai melhorar dentro da favela, a favela vai conseguir crescer novamente, é claro que se tiver abertura, tiver oportunidade, se realmente o poder público olhar e falar "não vamos continuar excluindo, vamos agregar, vamos dar oportunidade pra que essas pessoas... vamos ampliar espaços pra que elas possam desenvolver e crescer junto com as suas habilidades, junto com seus conhecimentos" então isso é muito importante (Entrevista 10).

No que se refere aos enquadramentos relacionados ao Estado, estes estão concentrados em dois eixos: de um lado, há o reconhecimento da ausência do Estado nesses territórios, não só na pandemia, mas antes também, diante da falta de políticas públicas e de acesso a serviços. A perspectiva que, desde antes, independente do governo, as favelas sempre tiveram pouco ou nenhum acesso a vários direitos e serviços públicos. Situação esta que foi agravada no cenário da pandemia, justamente porque era um contexto em que as pessoas precisavam mais ainda que o Estado cumprisse seu papel e garantisse segurança social e econômica para a população em meio a uma crise sanitária.

Do outro lado, está o reconhecimento de que o Estado é um agente com o qual a CUFA precisa dialogar. Nesse caso, alguns dos atores identificam uma mudança significativa em decorrência do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff e, posteriormente, a eleição do presidente Bolsonaro – eventos que transformaram a forma pela qual o governo de se relacionar com movimentos sociais, construir políticas públicas com foco nos direitos humanos e abrir espaços nos quais a sociedade civil pudesse participar da construção e monitoramento de políticas públicas. Apesar disso, os entrevistados afirmam recorrentemente que a organização não possui vínculos políticos nem partidários, não se posiciona politicamente ou faz qualquer formação nesse sentido – nem com integrantes nem com o público atendido. O objetivo deles, segundo eles mesmos, é viabilizar que a CUFA possa dialogar com as instituições independentemente da pessoa ou partido (Entrevistas 13, 15 e 16).

Vale ressaltar que, apesar de perceber as ausências do Estado nos territórios e demonstrar essa necessidade de diálogo, a CUFA parece enxergar o Estado como uma fonte de financiamento para suas ações, mas não necessariamente que a solução para os problemas da favela venha dele, por meio de políticas públicas. A CUFA demonstra a vontade de "fazer do



nosso jeito" ou de "mostrar como se faz, já que ela tem chegado onde o Estado não vai", sem chamar o Estado à responsabilidade (Entrevistas 15 e 16). Em vários momentos, afirmam que “não adianta ficar esperando o Estado fazer alguma coisa, porque não faz. É nós por nós mesmo”.

No entanto, isso não quer dizer que a CUFA se identifique como uma organização que realiza ações assistenciais. Para os entrevistados, essa é uma forma de ação que veio com a pandemia e com os desafios que foram impostos por ela, inclusive de precisar tentar “suprir” de alguma forma a ausência do Estado. Porém, os atores acreditam que o trabalho da CUFA, e essas soluções que aparecem nas falas para os problemas da favela, é feito no sentido de empoderar – ao contrário da assistência, que, para eles, debilita – os moradores das favelas. Essa é uma visão relacionada tanto à dimensão da crise causada pela pandemia como quando os entrevistados olham em sentido histórico e avaliam as precariedades das favelas, especialmente relacionadas ao acesso à educação, saúde, saneamento básico e segurança pública.

A visão da organização é, portanto, que sua ação se dá no sentido de empoderar os moradores de favela para que eles encontrem por si só saídas para essas dificuldades e desafios. A saída está na “força”, “potência” e “disposição” que os moradores das favelas têm para seguir em frente, continuar trabalhando e sair da crise. Os entrevistados afirmam que acreditam muito no potencial dos moradores de favela, grandes responsáveis por fazer a economia local girar, para serem criativos e saírem da crise em algum momento.

Para além disso, enquanto organização, a CUFA existe a perspectiva de afastamento de outros movimentos sociais e organizações da sociedade civil que são classificados pelos entrevistados como “baderneiros”. Para eles, a sua forma de ação é diferente dos outros movimentos que “levantam bandeira”, “queimam coisas” e “fazem baderna” (Entrevistas 12 e 16). A CUFA é apresentada como uma organização “da paz” e “do diálogo”, e por isso, de acordo com os entrevistados, que a organização tem credibilidade e legitimidade perante empresas e perante o governo. Por isso também conseguiriam dialogar com pessoas independentemente do partido político. A CUFA é contra a ação direta, que incentiva protestos, por exemplo. Como explicou um dos entrevistados:

Não, a ideia da CUFA, a gente trabalha no sentido de ajudar, proporcionar o melhor pras pessoas das favelas, o melhor pra pessoa da periferia e não tumultuar, tanto que quando tem "ah vamo levantar bandeira porque o Bolsonaro não tá fazendo nada, bora pessoal da CUFA?" não, não vai ninguém (Entrevista 12).



Considerações Finais

O período de crise sanitária em decorrência da pandemia de COVID-19 representou um momento de mudança nas formas de ação de vários movimentos e organizações. Especialmente nas periferias brasileiras, observamos o desdobramento de inúmeras iniciativas cujo objetivo central foi garantir que as pessoas das periferias pudessem cumprir com as medidas preventivas e reduzir os impactos causados pela perda ou redução da renda familiar.

Entre as ações que mais se destacaram pelo seu alcance e capilaridade está o trabalho realizado pela CUFA Nacional. Esta organização, que já era bastante conhecida, ocupou um lugar de protagonismo ao dialogar com várias grandes empresas e realizar o processo de arrecadação e distribuição em larga escala de donativos. Em razão da dimensão das atividades realizadas, o período da pandemia foi um momento de crescimento para a CUFA, que viu crescer o número de voluntários envolvidos em suas ações e o seu alcance em território nacional - em muitos estados, conseguindo sair dos limites da capital e região metropolitana (onde geralmente se centram suas ações, nas grandes periferias urbanas) e indo rumo ao interior.

Foram a dimensão das suas ações e a antiguidade da organização que chamaram a atenção para a realização desta pesquisa. Foi possível observar, além da atuação da CUFA na pandemia e consequências disso para ela, também as suas formas de interação, com quem a CUFA tem feito parcerias ao longo dos últimos anos e especialmente durante a pandemia, que foi o setor empresarial. A pesquisa apontou, ainda, os sentidos das narrativas construídas pela organização com relação à vivência da pandemia, à sua relação com esferas estatais e a sua própria ação.

Apesar de ficar evidente, nas entrevistas, que a CUFA não atuava, até a pandemia, com ações de cunho assistencial, os dados contidos neste relatório e outras iniciativas coletadas pelo repositório mostram que a CUFA parece ter encontrado um nicho de atuação no qual ela ganhou grande expertise: a ação emergencial. Após os momentos mais graves da pandemia, a organização já esteve presente em casos de enchentes³ e deslizamentos de terra⁴. Essas são situações que mostram que vale a pena seguir acompanhando as ações da CUFA para

³ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cufa-e-fna-arrecadam-r-5-milhoes-em-donativos-para-vitimas-das-enchentes-na-ba/>. Acesso em 07/11/2022

⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2022/02/20/cufa-de-rr-faz-campanha-de-arrecadacao-para-familias-atingidas-por-chuvas-em-petropolis.ghtml>. Acesso em 07/11/2022



compreender as mudanças nas formas de atuação dos movimentos e organizações como consequências da pandemia.

Referências Bibliográficas

LOCOMOTIVA; DATA FAVELA; CUFA. **Pandemia na favela: a realidade e 14 milhões de favelados no combate ao coronavírus.** 2020. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/ILocomotiva/pandemia-na-favela>.

